

A FUNÇÃO “ARQUEOLÓGICA” DOS VELHOS TEXTOS CLÁSSICOS

Zélia de Almeida Cardoso*

RESUMO: Os textos literários produzidos na Antiguidade se assemelham aos artefatos arqueológicos uma vez que trazem o passado até o presente revelando as experiências culturais de outrora. As obras latinas que sobrevivem até hoje são importantes não só por preservarem esses conhecimentos como também por terem sido escritas em um idioma que se modificou com o tempo, gerando outras línguas, mas que pode ainda hoje ser estudado tal como era.

Palavras-chave: Literatura antiga, Literatura e arqueologia, Literatura latina, Língua latina.

A leitura das antigas obras literárias gregas e latinas, escritas há mais de dois mil anos, nos põe em contato com um outro mundo e nos incita a investigar o passado, a penetrar na vida de outrora e a procurar conhecer o ser humano que deixou suas marcas nos textos. Sob esse aspecto essas obras operam como as descobertas arqueológicas: trazem de volta o que passou e nos mostram as experiências, conhecimentos e características de épocas distantes. Mais do que os artefatos de cultura material, os textos desvendam o modo de pensar e de viver de antigamente, revelam os autores, falam de preferências e concepções, de aptidões especiais e gostos.

Professora aposentada da FFLCH - USP.

Como o material arqueológico, tornam presente o tempo que se foi e os espaços que se modificaram e fazem com que deles participemos e sejamos levados a compreendê-los.

O exame das obras escritas gregas e latinas corresponde a um processo de investigação que nivela os pesquisadores que delas se ocupam aos arqueólogos. Os textos mostram o pensamento antigo; os objetos confeccionados pelo homem complementam essa visão e são indispensáveis quando vêm de uma civilização ou grupo humano que não conheceu a linguagem escrita: são "monumentos" culturais, evidentemente, e como tais devem ser estudados e prezados. Os textos, porém, além de se afigurarem também como monumentos, têm o estatuto de "documentos" atestando, pela escrita, o que se disse e se pensou.

A criação da linguagem verbal foi um dos principais fatores a caracterizarem o homem, em sua essência; a da escrita – milênios e milênios mais tarde – completou essa criação, permitindo a salvaguarda de ideias e sentimentos expressos, a integridade das reflexões, a perenidade da história, dos saberes e da poesia, dos quais ainda hoje partilhamos.

E foi todo um universo de pensamentos e de arte o que nos veio da Antiguidade clássica e se projeta em nossos dias. Ao discorrer sobre a herança que recebemos dos antigos, em uma entrevista concedida à *Folha de São Paulo*,¹ Jean-Pierre Vernant afirmou que "os gregos inventaram tudo": inventaram a política e a democracia, reconceituaram a sociedade humana, discutiram a igualdade de direitos, criaram a praça pública que dá um lugar ao cidadão, coexistindo com a acrópole, o espaço dos deuses. E é nesse espaço público dos homens que são debatidos os assuntos de interesse geral, que se argumenta e se contra-argumenta, que se demonstra, que se persuade, que se reflete, que se exercita a arte da pa-

¹ VERNANT, Jean Pierre. Os gregos inventaram tudo. Entrevista concedida à *Folha de São Paulo*. In: *Folha de São Paulo*. 31/10/1999. Caderno MAIS! Páginas: 4 e 5.

lavra. E como consequência cria-se a retórica e trabalha-se a contradição nas discussões acaloradas; floresce a filosofia, desenvolvem-se as ciências, as matemáticas, a medicina; desabrocha a literatura, a poesia, o teatro. Inventando tudo isso, “os gregos em grande parte nos inventaram”, disse Vernant.

Gilbert Highet,² por sua vez, faz referência aos primeiros e principais herdeiros dos gregos, os romanos, que, com eles aprendendo, difundiram-lhes a cultura e criaram uma civilização nobre e complexa, que floresceu por mais de mil anos e ainda sobrevive, transformada, mas não destruída.

Como parte do que permaneceu da civilização latina estão as letras, as obras escritas, os textos, íntegros ou fragmentados, que continuam a ser lidos e estudados até hoje, a ser apreciados e analisados, na língua original ou em traduções, no estado em que se encontram ou em adaptações simplificadoras. São obras que atravessaram a Idade Média e atingiram os tempos modernos. Nessas obras está a língua latina que, levada aos confins do Império Romano, em ondas sucessivas, acabou por sofrer modificações em suas estruturas gerando as línguas românicas.

Muitos escritores latinos se inquietaram, de alguma forma, com a preservação do que escreveram. Escreveram para o futuro, parece, e não apenas para aqueles que os cercavam e com eles participavam da vida de todos os dias.

Catulo,³ um dos primeiros poetas romanos a viver na chamada época clássica – a que se estende pelos séculos I a.C. e I a.D. –, compôs um pequeno poema-dedicatória, colocando-o no início de seu livro. Nesse poema ele se indaga, em

² HIGHET, G. *The classical tradition*. New York and London: Oxford University Press, 1949, p. 1.

³ Catulo viveu presumivelmente entre 87/84 e 54/52 a.C. As datas de seu nascimento e morte são discutíveis. Publicou 116 poemas, compendiados em uma coletânea intitulada *Poemas (Carmina)*.

uma pergunta retórica,⁴ sobre o possível destinatário do livro, e o oferece a Cornélio Nepos, comparando as obras de ambos: enquanto o historiador compôs um texto monumental, o poeta se limitou a escrever nugas, poemas de circunstância, insignificâncias literárias, às quais, entretanto, Nepos soube dar o merecido valor.⁵ E Catulo conclui a dedicatória, falando sobre o apoio dado pelo amigo e as esperanças que nutre quanto à longevidade de seus *carmina*:

Por essa razão, guarda contigo o que está neste livrinho,
 não importa o que seja. E possa ele, ó virgem protetora,
 conservar-se inalterado por mais de um século!⁶

É possível que o poeta estivesse gracejando ao dizer essas palavras, mas, sem dúvida, elas evocam uma espécie de preocupação, comum entre os poetas latinos: o desejo de que os poemas que escreveram permanecessem por muito tempo. Não se sabe quem era a "virgem protetora" a que o poeta alude. Minerva, a deusa da sabedoria? Ou uma das musas inspiradoras da poesia? Erato, talvez? Quem quer que fosse, ela o protegeu. Catulo almejava que seus poemas se preservassem por mais de um século. E eles estão aí, dois mil anos depois, trazendo-nos as deliciosas imagens da amada, uma mulher bonita e volúvel, que tinha um pequeno pardal cuja morte a fez chorar,⁷ que tornava o amante insaciável em ma-

⁴ *Quoi dono lepidum nouum libellum/ arida modo pumice expositum?* (CAT. 1, 1-2) (A quem oferecerei este delgado livrinho novo./ que acaba de ser polido com áspera pedra-pomes?). Os textos latinos de Catulo são extraídos de CATULLE. *Poésies*. Texte ét. et trad. par G. LAFAYE. 9. ed. Paris: Les Belles Lettres, 1974. Todas as traduções apresentadas neste artigo são de nossa responsabilidade.

⁵ *Corneli. tibi; namque tu solebas/ meas esse aliquid putare nugas./ iam tum cum ausus es unus Italorum/ omne aeuum tribus explicare cartis/ doctis. Iupiter. et laboriosis* (CAT. 1, 3-7) (A ti, Cornélio, pois que costumavas/ julgar que minha nugas eram algo/ quando já tinhas ousado, como único dos itálos./ desdobrar toda a história em três volumes/ eruditos, por Júpiter!, e bem elaborados).

⁶ *Quare habe tibi quicquid hoc libelli/ quaecumque: quod, o patrona uirgo./ plus uno maneat peremne saeclo.* (CAT. 1, 8-10).

⁷ CAT. 2; 3.

téria de beijos trocados,⁸ que o fazia sofrer quando dele se afastava,⁹ impelindo-o a procurar a companhia de vulgares prostitutas,¹⁰ que, andava pelas ruas, ela própria, em vielas e esquinas, procurando romanos para “esfolar”¹¹ mas que era bela, belíssima, pois que roubou todas as graças de todas as mulheres!¹²

Os poemas de amor sobreviveram aos tempos e inspiraram outros poetas e artistas. No segundo quartel do século XX, Carl Orff compôs a cantata *Catulli carmina*,¹³ utilizando textos de Catulo no original e acrescentando uma abertura em latim.

Mas não foram apenas poemets amorosos o que Catulo deixou. Há em seu livro textos irônicos, críticos, agressivos, em que o poeta evidencia os vícios da velha Roma, há poemas extensos, de forte sabor alexandrino – os chamados *carmina docta*¹⁴ – nos quais ele fala de velhos mitos, há epitalâmios, elegias, e epigramas satíricos e sentimentais.¹⁵ Todos esses textos chegaram até nós. E nós, com facilidade, por meio do conhecimento da língua latina ou por traduções, podemos chegar até eles.

Se Catulo almejava um século de duração para a sua obra, Horácio,¹⁶ um dos mais conhecidos poetas líricos da época de Augusto, parece ter a certeza de que os poemas que

⁸ CAT. 5; 7

⁹ CAT. 8.

¹⁰ CAT. 32; 41.

¹¹ CAT. 58.

¹² CAT. 86, 5-6.

¹³ A cantata faz parte do tríptico de Orff, intitulado *Trionfi*, que engloba também a famosa *Carmina Burana* e o *Trionfo di Afrodite*.

¹⁴ CAT. 61-68.

¹⁵ A guisa de exemplificação, lembramos o famoso poema 85, que consta de um único dístico: *Odi et amo. Quare id faciam, fortase requiris./ Nescio, sed fieri sentio et excrucior* (CAT.85) (Odeio e amo. Por que ajo assim, talvez perguntes./ Não sei; mas sinto que acontece, e me torturo).

¹⁶ Horácio viveu entre 65 e 8 a.C. Escreveu, entre 41 e 8 a.C., epodos (*Epodes*), odes (*Odes*), sátiras e epístolas (*Sermones*).

escrevia eram praticamente eternos, superando os objetos de cultura material e as próprias construções antigas. Na ode 3,30 – a última do terceiro livro de *Odes* – ele protesta essa certeza:

Construí um monumento mais duradouro que o bronze,
e mais importante, ainda, que a real ancianidade das
pirâmides.

Nem a chuva devoradora, nem o violento Aquilão
poderão destruí-lo, nem a série infinita dos anos
e a marcha contínua do tempo que foge.

Não morrerei completamente: uma grande parte
de mim escapará da deusa Libitina.¹⁷

Horácio estava certo. Seus poemas evitaram a morte e o esquecimento do nome do autor. Libitina, a divindade romana que presidia as cerimônias fúnebres, não se ocupou dos textos de Horácio. Eles estão aí, vivos, para quem quiser lê-los e admirá-los: os epodos, as odes, as sátiras, as epístolas – os poemas cáusticos, inspirados em Arquíloco, os que exaltam os prazeres do vinho e da amizade e a beleza das mulheres e dos efebos, os textos cívicos e laudatórios, os *sermões* que nos trazem visões da vida cotidiana de Roma, a *Arte Poética* que tanta influência exerceu, no passado, sobre aqueles que teorizaram a poesia.

Na esteira de Horácio, Propércio¹⁸ também falou da imortalidade de suas elegias, no sofisticado estilo dos poetas que se influenciaram pela estética alexandrina:

¹⁷ *Exegi monumentum aere perennius/ regalique situ pyramidum altius/ quod non imber edax. non Aquilo impotens/ possit diruere aut innumerabilis/ annorum series et fuga temporum./ Non omnis moriar multaque pars mei/ uitabit Libitinam.* (HOR. O. 3, 30, 1-7). HORACE. *Oeuvres*. Étude, notice et notes de E. Plessis et P. Lejay. 7^e ed. rev. Paris: Hachette, 1917

¹⁸ Propércio viveu entre 45/40 e 16 a.C., presumivelmente. Escreveu quatro livros de elegias.

Feliz daquela que for celebrada em meu livrinho!
Meus poemas serão, todos eles, os monumentos de sua
beleza!
Pois nem o custo das pirâmides erguidas para os astros,
nem o templo de Júpiter Eleu que se assemelha ao céu,
nem o rico esplendor do sepulcro de Mausolo
escapam da extrema condição da morte:
as chamas e os temporais lhes subtraem a glória;
vencidas pelos anos, as coisas tombam por seu próprio peso.
Mas o nome desvendado pelo gênio não cairá pela ação
do tempo:
a glória, por meio do gênio, permanece sem morrer.¹⁹

Uma parte dos textos latinos permaneceu, realmente, para a posteridade; muitos se perderam, porém. Do que restou, há de tudo: história, filosofia, tratados de retórica, discursos, cartas, história natural, arquitetura, agronomia, medicina, poesia... Poesia épica, poesia lírica, didática, sátira, comédias, tragédias – obras conservadas por copistas, que na obscuridade da Idade Média, foram capazes de preservá-las para nós. Facilitou esse trabalho o fato de a língua latina ter-se mantido viva nesse período, graças à Igreja e aos notários que escreviam os documentos em latim.

A história da língua latina é bastante peculiar. O idioma, falado inicialmente no pequeno território do Lácio, na região central da península itálica, onde, em meados do século VIII a.C., um grupo de pastores albanos fundou a cidade de Roma, foi registrado em diferentes momentos de sua evolu-

¹⁹ *Fortunata. meo si qua est celebrata libello! / carmina erunt formae tot monumenta suae. / Nam neque Pyramidum sumptus ad sidera ducti / nec Iouis Elei caelum imitata domus / nec Mausolei diues fortuna sepulcri / mortis ab extrema condicione uacant: / aut illis flamma aut imber subducit honores. / annorum aut ictu pondere uicta ruent. / At non ingenio quaesitum nomen ab aeuo / excidet: ingenio stat sine morte decus.* (PROP. 3, 2, 17-26). PROPERCE. *Elégies*. Texte ét. et trad. par D. Paganelli. 4^e ed. Paris: Les Belles Lettres, 1970.

ção, permitindo que dele se tenha uma panorâmica visão diacrônica.

Os documentos escritos que se preservaram permitem a reconstituição da história da língua latina, em sua evolução. Os romanos conheceram a escrita muito cedo, adotando o alfabeto etrusco. As inscrições mais antigas que chegaram até nós são do período que se estende entre os séculos VI e IV a.C., momento em que aquilo que se conhece sobre a cidade é ainda obscuro, impreciso, envolto em lendas. Só a partir do século IV a.C., quando Roma começou a crescer e a expandir-se, vencendo povos vizinhos e caminhando para sua hegemonia, é que as informações se tornam mais seguras. É quando surgem os primeiros textos escritos propriamente ditos: arquivos públicos e particulares, anais, leis, máximas e refrões em verso. Tudo isso foi vazado em uma forma especial da língua, bastante pobre e rústica, a que chamamos de *latim arcaico*. No segundo quartel do século III a.C., a vitória de Roma sobre a Magna Grécia foi decisiva tanto por representar um passo fundamental no caminho da helenização, quando começam a ser produzidos os primeiros textos verdadeiramente literários, como por constituir-se no início de uma série de novas vitórias e conquistas romanas que se estenderam pelos séculos afora, determinando a formação de um império imenso.²⁰

Esses textos, cuja língua ainda apresenta traços arcaizantes, são bastante influenciados pela literatura grega que lhes serviu de modelo. Somente aos poucos é que começam a ter identidade própria, mostrando as importantes inovações introduzidas por seus autores.

O apogeu da literatura latina se dá no século I a.C. quando a língua se fixa, se embeleza e chega ao requinte formal,

²⁰ O império romano, no século II de nossa era, se estendia por grande parte da Europa ocidental, pelo norte da África e pela Ásia Menor. Para pormenores sobre a expansão romana, cf. PIGANOL, A. *Histoire de Rome*. Paris: PUF. 1954. Cap. I-IV.

sendo conhecida como *latim clássico*. Surgem os grandes escritores: prosadores como Cícero, Júlio César, Salústio, Tito Lívio; poetas como Lucrécio, Catulo, Virgílio, Horácio, Tibulo, Propércio, Ovídio e outros. O *latim clássico* – forma literária, por excelência – coexiste com o *latim vulgar*, a língua falada pelo povo, que apresenta múltiplos matizes e foi documentada em inscrições e até mesmo em alguns textos especiais; esse foi o latim levado pelos soldados a todos os pontos do império, impregnado de elementos arcaicos, vulgares e rurais, de deformações e até mesmo de estrangeirismos uma vez que dos soldados mercenários eram muitos os não romanos. À romanização dos territórios conquistados seguiu-se a latinização – a implantação da língua latina como oficial. Apenas em alguns locais que se transformaram em províncias romanas, onde a civilização já atingira um nível muito alto – o que ocorreu na Grécia e em algumas regiões do Oriente –, as línguas até então faladas foram mantidas, coexistindo de certa forma com o latim.

Entre os séculos II e III de nossa era, com o surgimento da chamada literatura cristã, há uma tendência entre os principais autores do período a reproduzir nos textos a riqueza do *latim clássico* dos séculos anteriores, mas com o fracionamento e o posterior esfacelamento do império, no século V o latim assumiu outras formas. Desapareceram os grandes escritores, as obras escritas se rarefizeram e a língua oral, profundamente afetada por falares próprios de habitantes das diversas regiões que compunham o mundo romano, começou a modificar-se substancialmente, adquirindo características especiais em cada região em que era falada e gerando as línguas românicas. Nesse ínterim, a Igreja, responsável em grande parte pela preservação da antiga cultura, faz do latim sua língua oficial. Passam a coexistir o *latim eclesiástico*, falado e escrito pelos representantes da Igreja e utilizado em cerimônias e rituais, o latim utilizado nas cortes, pelas aristocracias, como língua comum, o *latim dos tabeliães*, empregado em documentos oficiais, e os dialetos românicos que em breve se

tornarão novas línguas, autônomas, independentes do idioma que lhes deu origem e dotadas de identidade própria – a extensão da língua latina no tempo e no espaço.

Os textos escritos em latim permaneceram, entretanto, em número suficiente para que tenhamos um amplo panorama da literatura que se produziu em Roma. Foram traduzidos desde a Idade Média, mas ainda interessam a todos aqueles que desejam conhecê-los em sua forma original, quer para o estudo da língua quer para penetrar no segredo do pensamento antigo sem possíveis modificações decorrentes da tradução.

E é fascinante o contato com a literatura latina – original ou traduzida –, o exame das obras literárias e a comprovação da “modernidade” que delas emana e da influência enorme que exerceram sobre a literatura posterior.

Alguns desses textos, aparentemente, só poderiam interessar a especialistas, mas quando os lemos vemos a infinidade de importantes elementos que lá podem ser encontrados. As obras de Cícero²¹ nos mostram a versatilidade de seu talento para compor textos filosóficos e de retórica, discursos inflamados de caráter político, jurídico, acusatório ou encomiástico, cartas em que se extravasa a alma inquieta do escritor; o poema filosófico de Lucrecio²² nos faz conhecer a doutrina de Epicuro; os trabalhos históricos de Júlio César²³

²¹ Cícero viveu entre 106 e 43 a.C. Escreveu imensa quantidade de cartas agrupadas em 37 livros, cerca de 60 discursos (sobre 120 que teriam sido pronunciados, dos quais a metade se perdeu), obras de retórica tais como *O orador* (*Orator*), *Sobre o orador* (*De oratore*) e *Bruto* (*Brutus*), obras filosóficas como *Sobre a república* (*De republica*), *Sobre as leis* (*De legibus*), *Sobre a natureza dos deuses* (*De natura deorum*), *Sobre a adivinhação* (*De divinatione*), *Sobre o destino* (*De fato*), *Sobre os limites dos bens e dos males* (*De finibus bonorum et malorum*), *Discussões em Túsculo* (*Tusculanae disputationes*), *Sobre a amizade* (*De amicitia*), *Sobre a velhice* (*De senectute*), *Sobre os deveres* (*De officiis*). Escreveu também obras poéticas.

²² Lucrecio viveu aproximadamente entre 99 e 55 a.C. Escreveu um poema filosófico em 6 livros: *Sobre a natureza* (*De rerum natura*).

²³ Júlio César viveu entre 100 e 44 a.C. Escreveu *Comentários sobre a guerra na Gália* (*Commentarii de bello Gallico*) e *Comentários sobre a guerra civil* (*Commentarii de bello civili*). Seus discursos e obras poéticas não sobreviveram.

e Salústio²⁴ nos põem em contato com as conquistas romanas, com a luta política, com as guerras civis; os de Tito Lívio²⁵ abrem diante de nós o vasto painel da história desde a fundação da Cidade; a obra filosófica de Sêneca²⁶ resume os princípios da doutrina estóica; a *História Natural* de Plínio o Velho²⁷ resenha a obra científica elaborada por autores anteriores; as biografias de Suetônio,²⁸ como uma novela, mostram a intimidade da vida palaciana na época dos Césares, com as intrigas da corte, as minúcias do dia a dia dos imperadores, os romances, os escândalos, as perseguições – é quase uma narrativa de ficção. Mas há também narrativas puramente ficcionais, que chegaram até nós, vindas da velha Roma, tais como o *Satíricon* de Petrônio, e o *Asno de Ouro*, de Apuleio.²⁹ E há a poesia propriamente dita: a épica, a lírica, a satírica, a didática, a dramática, ou seja, a comédia e a tragédia.

A dramaturgia antiga está viva ainda hoje – tanto a grega, ressuscitada no Renascimento, como a latina que permeou a Idade Média e chegou aos séculos posteriores. De todos os gêneros poéticos é, sem dúvida, o dramático aquele que conseguiu sobreviver, de maneira mais evidente, mantendo-se muito próximo do que era, no passado. Nos palcos do mundo representam-se ainda as peças antigas, em línguas originais ou, as mais vezes, em traduções. O público ainda vibra com as criações dos gregos e romanos. E também com as adaptações e modernizações dessas obras, com a adequação dos

²⁴ Salústio viveu entre 87 e 35 a.C. Compôs duas obras episódicas: *A conjuração de Catilina* (*De coniuratione Catilinae*) e *A guerra de Jugurta* (*De bello Iugurthino*).

²⁵ Tito Lívio viveu entre 59 a.C. e 17 a.D. Compôs uma imensa História romana (*Ab Urbe condita libri*), em 142 livros.

²⁶ Sêneca nasceu entre o ano 1 a.C. e o ano 4 de nossa era e morreu em 65. Escreveu tragédias e obras de caráter filosófico.

²⁷ Plínio o Velho viveu entre 23 e 79 a.D. Escreveu um monumental *Historia natural* em 37 livros.

²⁸ Suetônio viveu aproximadamente entre 75 e 160 de nossa era. Sua obra mais importante é as *Vidas dos doze Césares*.

²⁹ Petrônio é um escritor do século I de nossa era; Apuleio, do século II.

textos a outras realidades, com peças novas inspiradas nas antigas obras dramáticas, prolongando-as, de alguma forma.

É indiscutível a importância do teatro latino na formação do teatro moderno ocidental. Embora se inspirassem na literatura grega, os autores de Roma foram mais conhecidos do que os da Grécia na Idade Média e na Europa renascentista e barroca dos séculos XVI e XVII, uma vez que o latim continuava a ser estudado e era falado em escolas religiosas e seminários. Plauto e Terêncio,³⁰ comediógrafos que viveram nos séculos III e II a.C. e cujas obras foram preservadas praticamente na íntegra, exerceram grande influência sobre a dramaturgia posterior. Plauto foi imitado na Idade Média, servindo de modelo aos primeiros teatrólogos medievais, que ainda escreviam em latim, a exemplo de Vital de Blois e de Pier Paolo Vergerio, o Velho, que viveram, respectivamente na França do século XII e na Itália de fins do século XIV.³¹ Vital de Blois se baseou no *Anfitrião*, de Plauto, ao escrever a comédia *Geta*, e na *Aulularia* em uma peça homônima; Vergerio se inspirou em Plauto e Terêncio, ao compor a comédia *Paulus* (*Paulo*). Ao alvorecer do Renascimento, no final do século XV inspirando-se nos dois comediógrafos latinos, mas já adotando as novas tendências que começavam a surgir, Ariosto compôs, em italiano, *Cassaria* (*A caixinha*), inspirada na *Cistellaria* (*Comédia do cofre*), na *Mostellaria* (*Comédia do Fantasma*) e no *Poenulus* (*O cartaginês*), de Plauto, bem como no *Eautontimoroumenos* (*O autopunidor*), de Terêncio.

Nos séculos XVI e XVII, Plauto é um dos principais modelos da nova comédia que se produz. Traduzido em diversas línguas modernas, adaptado um sem-número de vezes, exerceu influência sobre Camões, Shakespeare, Molière, e muitos

³⁰ Plauto viveu aproximadamente entre 250 e 184 a.C., dele restando vinte comédias completas; Terêncio, entre 185 e 159 a.C., tendo sobrevivido as seis comédias que escreveu.

³¹ Cf. *El teatro medieval*. Recopilación y notas de Nilda Guglielmi. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1980. p. 25.

outros teatrólogos.³² No século XVIII, em Portugal, Antonio José da Silva, o Judeu, compôs a ópera *Anfitrião*, apoiada na comédia de Plauto e representada inúmeras vezes no reino e no Brasil. Até mesmo modernamente, podemos verificar a influência do comediógrafo latino em teatrólogos como Giraudoux, que, em 1929, baseando-se também no *Anfitrião*, escreveu uma comédia que ele denominou *Amphitryon 38 – Anfitrião 38* –, numa alusão às trinta e oito versões modernas da peça plautina que, até então, haviam sido compostas em todo o mundo. Ou como Guilherme Figueiredo e Ariano Suassuna que, em pleno século XX, no Brasil, compuseram, respectivamente, *Um deus dormiu lá em casa*, adaptação de *Anfitrião*, escrita em 1949, e *O santo e a porca*, de *Aulularia*, em 1957

Sêneca, o filósofo, embora não se tenham informações sobre a representação de suas tragédias na época em que foram escritas, foi outro autor latino a exercer enorme influência sobre a dramaturgia dos séculos XVI e XVII, juntamente com os comediógrafos. Suas tragédias foram traduzidas, representadas, adaptadas, imitadas, seus procedimentos dramáticos foram reaproveitados, seu estilo foi reproduzido. São muitos os teatrólogos que nele se inspiraram, de alguma forma: Giambattista Giraldi Cinzio, na Itália, Shakespeare, na Inglaterra, Garnier, Corneille e Racine, na França, entre muitíssimos outros.

Até mesmo o drama *Otávia*, uma peça de caráter histórico de autoria desconhecida, atribuída a Sêneca, teve seu papel influenciador nos séculos XVI e XVII. As peças ditas *históricas*, denominadas *pretextas*, foram bastante cultivadas em Roma e coexistiram com as tragédias mitológicas inspiradas em modelos gregos. Seus entrecos exploravam tra-

³² Sob a influência de Plauto, Camões compôs *Enfatriões*; Shakespeare, *The comedy of errors* (*A comédia dos erros*), baseada em *Menaechmi* (*Os Menecmos*) e no *Anfitrião*; Molière, *L'avare* (*O avaro*), inspirado na *Aulularia*. Cf. G. HICHET. *Op. cit.* p. 121.

dições latinas ou fatos da história romana e muitas vezes elas eram representadas como homenagens a heróis. Entretanto, de toda uma produção que se iniciou no século III a.C., só se preservou para a posteridade o drama *Otávia*, que chegou até nós em manuscrito que continha as peças de Sêneca. Focaliza a história do repúdio e da condenação da esposa de Nero. Por ser a única pretexto supérstite, *Otávia* representa uma espécie de ponto de partida de toda uma produção dramática que se ocupa da História Romana e começa a reflorescer durante o Renascimento, substituindo, juntamente com as comédias e tragédias, as peças medievais em suas diferentes modalidades. Voltando-se para a Antiguidade e explorando fatos da história romana essas peças correspondem a uma redescoberta da pretexto, que retorna aos palcos quinhentistas e seiscentistas sob vestimentas novas.

Na Itália, na França, na Espanha, na Inglaterra, a tragédia de assunto romano ressuscita, ombreando com textos trágicos que focalizam a história moderna ou que se detêm na exploração de temas mitológicos, bíblicos ou romanescos. Em pesquisa que realizamos há algum tempo sobre as projeções da pretexto latina no mundo renascentista e barroco,³³ levantamos, nos séculos XVI e XVII, apenas nesses quatro países – na Itália, França, Inglaterra e Espanha – 84 dramas históricos com motivos romanos. Os argumentos utilizados pelos dramaturgos desse período, extraídos de textos antigos, cobrem toda a história de Roma, da época dos reis ao baixo império. Os enredos das tragédias envolvem figuras históricas ou, por vezes, pseudo-históricas. Desfilam nas peças personagens romanas bastante conhecidas, egressas de antigas obras compostas por Tito Lívio, Tácito, Suetônio, Eutrópio, Plutarco: os Horácios, a jovem Lucrecia, Coriolano, Júlio César, Marco Antonio, Augusto, Nero, Britânico, Tito e muitos ou-

³³ Um recorte dessa pesquisa pode ser observado em meu artigo "O drama histórico latino e suas projeções no mundo renascentista e barroco" publicado em *Letras Clássicas*, n. 7 2002, p. 161-195.

tros, que se postam ao lado de personagens estrangeiras, ligadas de alguma forma à história de Roma, quer na condição de aliadas quer na de inimigas; é o caso de figuras tais como Aníbal, Viriato, Cleópatra, Sofonisba, Átila, Berenice.

O tema “romano” na obra de arte teatral vem da própria Antiguidade; atravessa a Idade Média, reaparecendo em alguns dos “milagres” que focalizam a história dos mártires cristãos, e ressurge, com grande impacto nos séculos XVI e XVII, abordado pelos principais dramaturgos da época. Não se detém, no entanto, nesse período de encantamento e redescoberta dos clássicos: permanece, de alguma forma, nos séculos XVIII e XIX, exercendo influência sobre o romance nascente, e se faz presente não só no romance e no teatro do século XX, quando grandes teatrólogos como Bernard Shaw ou Albert Camus, compõem obras da importância de um *César e Cleópatra* ou de um *Calígula*, mas também no cinema, que pode ser considerado como um prolongamento do teatro.

Desde seu surgimento, em 1896, até nossos dias, a sétima arte tem explorado temas que versam sobre a história romana.³⁴ Uma das primeiras produções de Louis Lumière, considerado como um dos inventores do cinema, focaliza a época de Nero e se intitula *Néron essayant des poisons à ses esclaves*. Em 1899, Georges Méliès, um dos mais produtivos cineastas franceses a viver na aurora da cinematografia,³⁵ produz *Cléopâtre*, a primeira “Cleópatra” de uma longa série

³⁴ Pedro Luis Cano elaborou um catálogo com 185 filmes de temas romanos apresentados desde 1896, quando o cinema nasceu, até 1972. São filmes produzidos na França, nos Estados Unidos, na Itália, na Inglaterra, na Alemanha, na Tunísia, no México, bem como co-produções que envolveram Itália-Alemanha, Itália-França, Itália-Espanha, Itália-Espanha-Alemanha, Itália-França-Espanha, Itália-Egito, Alemanha-Rumânia-Itália, Inglaterra-Espanha-Suíça. Cf. CANO, P. L. e LORENTE, J. *Espectacle, amor i martiris al cinema de romans*. Tarragona: Facultat de Filosofia i Lletres, s/d. p. 123 ss.

³⁵ Ilusionista francês e proprietário de um teatro em Paris, Méliès foi produtor de mais de trinta filmes, realizados entre 1896 e 1910.

que chega até hoje, abrangendo numerosos títulos.³⁶ A história que envolve a rainha do Egito e os próceres de Roma é talvez a mais recorrente no cinema, mas, assim como houve muitas “Cleópatras” houve também numerosos “Júlios Césares” muitos deles partindo do texto de Shakespeare³⁷ que, diga-se de passagem, se baseia na obra de Plutarco.

São bastante variados os assuntos romanos escolhidos pelos produtores e cineastas: a época imperial, com Calígula, Cláudio, Messalina, Agripina, Nero; os fatos históricos e ficcionais que envolvem gladiadores (figuras reais, como Espártaco³⁸ e Cômodo,³⁹ ou criações romanescas como Demétrio, Ursus, Maciste); as histórias sobre os primeiros

³⁶ Foram muitas, realmente, as “Cleópatras” que o cinema nos ofereceu. De várias nacionalidades. Em algumas das películas mais famosas sobre a rainha do Egito foi utilizado o texto de Shakespeare, *Anthony and Cleopatra*, original ou adaptado; outras foram baseadas em outras fontes: a célebre *Cleópatra*, de Walter Wanger, de 1963, superprodução norte-americana estrelada por Elizabeth Taylor e Richard Burton, foi inspirada, segundo consta, pelo romance de C.M. Fransero, *The life and time of Cleopatra* e pelas *Vidas paralelas* de Plutarco, a principal fonte utilizada também por Shakespeare. Entre esses filmes, lembramos a *Cleópatra* carioca, de 2008, dirigida por Júlio Bressane e estrelada por Alessandra Nigrini.

³⁷ Os mais antigos são *La mort de Jules César*, de 1907, produzido e dirigido na França pelo mesmo Georges Méliès acima citado, *Julius Caesar*, de 1908, produzido por John Stuart Blackton, nos Estados Unidos, e *Giulio Cesare*, de 1909, dirigido por Giovanni Pastrone, na Itália. Os três filmes são mudos, mas seus roteiros são inspirados no *Julius Caesar* de Shakespeare. O mais famoso dos filmes que focalizam a morte do ditador romano é o *Julius Caesar* da M.G.M., de 1953, dirigido por Joseph L. Manckiewicz, e representado por um elenco de importantes atores e atrizes tais como Louis Calhern, Deborah Kerr, Marlon Brando, James Mason. Merece, porém, uma referência especial o *Giulio Cesare, il conquistatore delle Gallie*, produzido pela Metheus Film/ Imperial Film, na Itália, em 1963, cujo assunto explora as conquistas de César e se baseia nos *Commentarii de bello Gallico*.

³⁸ Vejam-se, por exemplo, *Espártaco (Spartaco)*, filme italiano de 1952 e *Espártaco (Spartacus)*, produção norteamericana de 1960, dirigido por Stanley Kubrick e com Kirk Douglas no papel principal.

³⁹ Vejam-se, por exemplo, os filmes *O Declínio do Império Romano (The fall of the Roman Empire)*, de 1964, no qual o imperador-gladiador é interpretado por Christopher Plummer, e *Gladiador (Gladiator)* de 2000, dirigido por Ridley Scott, com: Russel Crowe, Joaquin Phoenix, Richard Harris, Connie Nielsen, Oliver Reed, Derek Jacobi, Ralph Moeller, Spencer Treat Clark.

cristãos; as que focalizam guerras como as que se travaram entre Roma e Cartago; as catástrofes que ocorreram no mundo romano, como a erupção do Vesúvio, por exemplo. O romance de E. Bulwer Lytton, *The last days of Pompeii* (*Os últimos dias de Pompéia*) foi adaptado em várias filmagens diferentes, desde 1905, o mesmo ocorrendo com os romances *Quo vadis?*, de Henri Sienliewics, e *Ben Hur*, de Lewis Wallace – objetos de diferentes adaptações cinematográficas.

Considerados “históricos” por terem como cenário o império romano e por focalizarem a Antiguidade, são romances ficcionais que, de alguma forma, se baseiam em dados históricos fornecidos por historiadores latinos e gregos e por estudiosos do assunto. Há filmes, porém, que correspondem à adaptação para o cinema de obras realmente ficcionais, compostas por escritores latinos. É o caso de *A funny thing happened in the way to the forum* (*Aconteceu uma coisa engraçada no caminho para o fórum*),⁴⁰ musical que se inspirou na obra de Plauto; bem como o dos dois “*Satyricons*” italianos, realizados em 1966 e 1968, o de Gianluigi Polidoro e o de Federico Fellini, adaptações da obra de Petrónio; ou ainda o de *L'asino d'oro* (*O asno de ouro*),⁴¹ filme que se inspira no texto de Apuleio.

Até nossos dias os temas clássicos – embora já não com tanta frequência – continuam a ser abordados pela cinematografia, confirmando a importância do mundo antigo preservado nas velhas obras literárias. As palavras dos escritores daquela época trazem conhecimentos e se modificam, dando origem a outras palavras, convertem-se em imagens, em movimento, em cores, músicas, sons... são impressas, gravadas, digitalizadas... se transformam em outras mídias... E permanecem.

⁴⁰ Trata-se de uma comédia musical de autoria de Burt Shevogle, Larry Gelbart e Michael Portwee coproduzida pela Inglaterra e pelos Estados Unidos em 1966, inspirada em textos de Plauto.

⁴¹ Filme produzido por Sergio Spina, em 1970.

Permanecem para que nós as procuremos e analisemos, num minucioso trabalho de investigação. O trabalho do arqueólogo.

Para concluir nossas reflexões, retornamos à época de Augusto e entre aqueles escritores que sonharam com a imortalidade de suas obras encontramos também Ovídio,⁴² o poeta banido, que nos confins do império, à margem do Ponto Euxino, amargou um exílio sofrido por anos e anos. E durante esse tempo ele escreveu. Escreveu aos amigos, às autoridades, aos parentes, fazendo de seus poemas uma espécie de ponte que o levava a Roma e a seu passado e que também o trouxe ao futuro e a nós. Em um de seus textos ele disse:

Por meio do poema o valor se torna vivaz e, livre da morte,
chega ao conhecimento da posteridade tardia.
A idade destruidora consome o ferro e a pedra
e nada conserva a antiga robustez por muito tempo;
*Mas os escritos resistem aos anos!*⁴³

Resistem, estão aí, aguardam nossa leitura e o aproveitamento que deles pudermos fazer, expõem-se a nós, configuram-se em campo para nossas pesquisas como os objetos escondidos sob a terra, a poeira e as cinzas. Revelam os dias de outrora e o saber que então se produziu – o saber que está nas raízes de nossos conhecimentos atuais.

⁴² Ovídio viveu entre 43 a.C. e 17 a.D. Esteve exilado em Tomos, por motivos até hoje não bem esclarecidos, de 8 a.D. até a sua morte. Escreveu, entre 15/14 a.C. e 17 a.D., *Amores (Amores)*, *Heroides (Heroides)*, *A arte de amar (Ars amandí)*, *Receitas de beleza (De medicamine facieie)*, *Remédios do amor (Remedia amoris)*, *Medeia (Medea)*, *Metamorfozes (Metamorphoseon libri XV)*, *Fastos (Fasti)*, *Tristezas (Tristia)*, *Cartas pônicas (Epistulae ex Ponto)*, *Halieuticas (Halieutica)* e *Íbis (Ibis)*.

⁴³ *Carmina uestrarum peragunt praeconia laudum/ neue sit actorum fama caduca cauent./ Carmine fit uiuax uirtus expersque sepulcri/ notitiam serae posteritatis habet./ Tabida consumit ferrum lapidemque uetustas/ nullaque res maius tempore robur habet./ Scripta ferunt annos* (OVID. P. IV, 8, 45-51). OVIDIO. *Tristes/ Ponticas*. Madrid: Gredos, 1992.

BIBLIOGRAFIA

- CANO, P. L. e J. LORENTE. *Espectacle, amor i martiris al cinema de romans*. Tarragona: Facultat de Filosofia i Lletres, s/d.
- CATULLE. *Poésies*. Texte ét. et trad. par G. LAFAYE. 9^e ed. Paris: Les Belles Lettres, 1974.
- CARDOSO, Z.A. O drama histórico latino e suas projeções no mundo renascentista e barroco. In: *Letras Clássicas*, n. 7 2002, p. 161-195.
- EL TEATRO MEDIEVAL. Recopilación y notas de Nilda Guglielm. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1980.
- FARIA, E. *Fonética histórica do Latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.
- HIGHET, G. *The classical tradition*. New York and London: Oxford University Press, 1949.
- HORACE. *Oeuvres*. Étude, notice et notes de E. PLESSIS et P. LEJAY. 7^e ed. rev. Paris: Hachette, 1917.
- OVÍDIO. *Tristes/ Ponticas*. Madrid: Gredos, 1992.
- PIGANIOL, A. *Histoire de Rome*. Paris: PUF. 1954.
- PROPERCE. *Elégies*. Texte ét. et trad. par D. Paganelli. 4^e ed. Paris: Les Belles Lettres, 1970.
- VERNANT, Pierre. Os gregos inventaram tudo. Entrevista concedida à *Folha de São Paulo*. *Folha de São Paulo*, 31/10/1999. Caderno MAIS! Páginas: 4 e 5.

ABSTRACT: The ancient literary texts are similar to archaeological articles because they bring the past until the present, disclosing the cultural experiences of long ago. The Latin texts that have survived until today are important not only to preserve this knowledge but also because they have been written in a language that changed over time, but may still be studied as it was.

Keywords: Ancient literature, Literature and archaeology, Latin literature, Latin language.